

homens e mulheres italianos. Isso é gente que enfrentou a alternativa de fugir para as montanhas ou ser agarrada pelos nazistas, que têm fome de braços. Não há nisso qualquer exagero: todos são unânimis em dizer que os alemães pegam à força todos os jovens para lutar ou trabalhar para eles. A rapina das cidades e dos campos é tão completa quanto possível, e o que os brasileiros encontram nas cidades conquistadas é invariavelmente uma população famélica. Nossa comandante disse disso, e envia na vanguarda mantimentos e cozinha. Deixando de lado outras razões, não é de admirar que nossa gente seja bem recebida onde vai chegando.

Os oficiais brasileiros, como os de todas as outras nacionalidades dos 5º e 8º exércitos, não pouparam louvores aos *partigiani*. São os guerrilheiros libertários italianos que lutam nas montanhas dos Apeninos contra os nazistas. Fazendo incursões súbitas contra postos nazistas, cortando de vez em quando suas linhas de comunicações, os *partigiani* são ainda muito úteis às nossas tropas porque, atravessando as linhas, vêm nos trazer as mais úteis informações sobre o adversário. São homens que sabem que, uma vez apanhados pelos nazistas, não terão o tratamento devido aos prisioneiros de guerra. São tratados como se fossem bandidos, e invariavelmente fuzilados, muitas vezes depois de torturas.

Esses *partigiani* são quase todos italianos que lutam pela liberação de sua terra. De vez em quando, porém, aparecem na frente do 5º Exército guerrilheiros de outras nacionalidades.

O que tem surpreendido nos *partigiani* é a perfeita disciplina existente nos pequenos grupos. Eles se apresentam à autoridade militar aliada, dão as informações que têm, se oferecem para alguma ação local e só depois disso regressam às suas montanhas, passando a linha por caminhos tortuosos que só eles conhecem.

Já escrevi que os brasileiros são bem recebidos onde chegam. O mesmo acontece com todas as forças aliadas, mas há um fator que facilita especialmente a boa compreensão de brasileiros e italianos: a semelhança das línguas, que em muitos casos se resolve em camaradagem. A generosidade brasileira se mostra: desde que desembarquei, numa chuvosa manhã, vi, no comboio de caminhões que rumava para o acampamento, soldados brasileiros atirando cigarros, caramelo e chocolates aos italianos que acenavam alegremente à beira da estrada. Não faltam, de resto, os pedintes, homens e mulheres e crianças de voz chorosa que sempre dizem a mesma coisa, que vou transcrever de ouvido, sem saber como se escreve direito em italiano:

“*Tutto rovinato. Tutto bombardato. Gli tedeschi hanno portato via tutti quanti. Niente a mancare, molto lavorare. Una sigaretta, cioccolata, caramella... Una scatolettina...*”

Mas nem sempre se trata de esmola. Muitas vezes há trocas de ci-

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Outubro, 1944.

Conversei ao acaso com um praça na frente, e calhou que era um rapaz de Barbacena. Chama-se Nélson Neves, e trabalhava na Central. Lembrando-me do tempo em que fazia reportagem política em Minas, e de uma eleição a que fui assistir em Barbacena, perguntei se o rapaz era do partido do Bias Fortes ou do Zézinho Bonifácio. Disse que ele e sua família eram do partido do Bias Fortes. Começou então a relatar certos episódios da luta política local. Confessou que certos dias não tinha coragem de sair à rua em Barbacena, por causa da gente do Zézinho. Em compensação, quando Bias Fortes tomou conta da situação, a casa do Zézinho foi pichada. E Nélson teve este comentário raro:

— Ah, isso aqui, perto de Barbacena daquele tempo, é um sossiego...

Apressou-se depois a acentuar que a luta aqui é dura mas a gente tem a vantagem de saber de que lado está o inimigo. Quando lhe pedi a impressão sobre os nazistas, respondeu:

— Lutam como a gente. Mas nós damos neles.

Os brasileiros já libertaram sozinhos algumas cidades italianas. Os alemães são grandes destruidores — dá gosto ver uma ponte arrabentada por eles. Fazem com muita perfeição, na terra do pobre povo italiano, a política da terra devastada, e isso com a aprovação, alias completamente dispensável, de Mussolini. Nem sempre, porém, têm tempo para destruir tudo, e temos verificado isso no setor em que atuam as nossas tropas. Em uma localidade — Fornachi — os brasileiros encontraram, juntamente com quatro nazistas mortos e um ferido que os alemães deixaram para trás, uma grande fábrica de munições e aeronaves para aviões quase intacta.

O invasor nazista que se retira é acompanhado pelas pragas e malícias do povo. No dia seguinte àquele em que os brasileiros tomam conta de algum lugar, começam a aparecer, descendendo as montanhas,

garros por vinhos ou frutas. A tremenda desorganização social causada pela guerra e as perturbações da vida familiar, principalmente das classes mais pobres, ora reduzidas à miséria, facilitam outras transações menos comerciais. E na lindíssima Toscana, onde a cidade e o campo se harmonizam com uma doçura incomparável, nunca faltaram boas garrafas de vinho e admiráveis *signore blonde*.

A guerra é dura, mas muitas vezes acontecem coisas aos nossos rapazes nesta guerra de que eles nunca se queixarão, nem terão vontade de esquecer.

É fácil notar que as populações das cidades estão em condição pior que as do campo, onde os *contadini* sempre têm alguma coisa que comer. Cachos louros de espigas de milho estão pendurados nas paredes das casinhas, o tomate é abundante, e em várias casas em que entrei vi a secar o macarrão doméstico. Em resumo, essa gente passa muitas necessidades, mas quem deixa os tristes becos das grandes cidades, onde ruínas antiquíssimas alternam com ruínas recentíssimas, e a miséria agrava todos os males sociais, tem uma impressão de pura beleza e alegria ao correr pelos campos bem plantados onde se amontoam, junto às casas dos camponeses, os doces montes cônicos de feno.

IN: BRAGA, Rubem. "Crônicas da guerra na Itália". Rio de Janeiro: Record,

1996, 3^a edição, pag. 36 - 38.